



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: "40 anos da "Virada" do Serviço Social"

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

Eixo: Política Social e Serviço Social.

Sub-Eixo: Ênfase em Envelhecimento.

PSEUDOVALORIZAÇÃO DAS VELHICES NA CONTEMPORANEIDADE: A NECESSIDADE DA DENÚNCIA CRÍTICA

Joice Sousa Costa¹

Resumo: A reflexão teórica possui como base a Teoria social crítica de Marx e busca analisar a produção social das velhices e as mediações com o modo de produção capitalista. Assim, discutimos sobre o processo de envelhecimento e velhice, interpretamos o cotidiano e a ideologia e compreendemos os meandros entre a indústria cultural e a emergência da produção social da "boa velhice".

Palavras-chave: Velhice. Ideologia. Produção social.

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade discorrer sobre o processo de envelhecimento e velhice soa como um desafio, justamente por ser um fenômeno heterogêneo, multifacetado e complexo. Enfatizamos que o processo de envelhecimento se dá ao longo da vida humana e a velhice é uma fase demarcada socialmente, isto é, uma construção social e, conseqüentemente, vem permeada de valores e aspectos sócio-políticos e econômicos que são condicionados pelo tempo e espaço do capital.

Justamente, por transcendermos a imediatividade, optamos pelo método materialista histórico dialético nessa investigação do tipo bibliográfica, isto é, partimos daquilo que é imediato, simples, ou seja, da aparência, caminhando em uma reflexão crítica capaz de desvelar as contradições da constituição real desse fenômeno e vamos tecendo uma teia de mediações e articulações universais, ultrapassando a dimensão da aparência.

Dessa maneira esse ensaio teórico primeiramente, apresenta o debate sobre o processo de envelhecimento e velhice sob o prisma da categoria de totalidade tecendo um discurso na matriz crítica. Logo, introduz a discussão da ideologia que paira sobre a concepção da velhice na contemporaneidade,

¹ Estudante de Pós-Graduação, Universidade Estadual Paulista UNESP - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, E-mail: joicecostasousa@gmail.com.

dando ênfase à produção social da “boa velhice”, articulando esse conceito à emergência e reprodução da indústria cultural.

1. Processo de envelhecimento humano e velhice: a perspectiva de totalidade na análise da sociabilidade contemporânea

Entender o processo de envelhecimento e velhice sob a visão de totalidade sob o prisma marxista requer explicar em linhas gerais esse método de compreensão da realidade. A totalidade, enquanto uma categoria histórica, emerge da dialética e se consolida sobre o pensamento da matriz crítica e se mostra como um método fundamental para compreender em profundidade a constituição e a dinâmica da vida social contemporânea, visto que, sob nosso ponto de vista, por meio da totalidade podemos analisar criticamente a realidade social vigente, podendo abranger uma visão generalista sobre os aspectos políticos, econômicos e sociais que compõem esse todo complexo e dinâmico e a forma que esses condicionantes impactam na vida cotidiana dos indivíduos sociais. Destacamos que, a história de vida dos sujeitos sociais não pode ser apartada da história da construção de nossa sociabilidade, suas contradições e desigualdades, isto é, a premissa que é somos seres construtores e construídos pela história e suas contraditoriedades.

Na contemporaneidade, o envelhecimento populacional tem se tornado assunto recorrente no cotidiano, Paiva (2014, p.125) destaca que “[...] o envelhecimento populacional, longe de ser um dado natural, se configura como resultado da reprodução do sistema do capital”. Desse modo, o ato de refletir sobre o envelhecimento do perfil demográfico, nos exige remetermos a historicidade desse movimento de conquistas de direitos, que se consolida a partir das lutas sociais da classe trabalhadora, tendo como devolutiva uma intervenção estatal no âmbito das expressões da Questão Social, que é entendida como

[...] o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, quanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada, monopolizada por uma parte da sociedade (IAMAMOTO, 2005, p. 27).

Ademais, apresentar um único constructo sobre processo de envelhecimento e velhice seria abnegar todos os condicionantes e vivências do curso de vida dos sujeitos sociais. Portanto, uma conceituação geral e homogênea do que seria a velhice, acaba por restringir a visão sobre esse fenômeno complexo, pois o processo de envelhecimento e velhice é multifacetado e heterogêneo.

Sobre o ponto de vista do debate crítico — o qual nós adotamos — o processo de envelhecimento e velhice também pode se tornar uma das expressões da questão social, na medida em que, os sujeitos sociais envelhecem sob o tecido do modo-de-produção capitalista, passam a vivenciar as mazelas desse sistema de acordo com sua fração de classe social, assim, de acordo com Beauvoir (1990, p. 17) “[...] tanto ao longo da história como hoje em dia, a luta de classes determina a maneira pela qual um homem é surpreendido pela velhice”.

Visto que, se destoarmos nossa análise desse ponto de vista, poderemos recair em uma visão homogeneizadora e a-histórica, porque, as pessoas envelhecem de maneira diferente, possuindo particularidades, que estão articuladas aos aspectos universais, como: o sistema econômico-político, a classe social, cultura, etnia, gênero, orientação sexual e as relações geracionais, isto é, ser e estar velho para Bosi (1994, p.18) é “[...] em nossa sociedade, ser velho é lutar para continuar sendo homem”. Ainda segundo, Teixeira (2009, p. 113),

[...] o envelhecimento é um processo biopsicossocial, uma vez que o mesmo ritmo, duração e efeitos do envelhecimento fisiológico reportam à diferenças relacionadas a fatores socioeconômicos, psicológicos, genético-biológicos, dentre outras. E o critério de classe é aquele capaz de diferenciar o envelhecimento e, ao mesmo tempo, homogeneizar, se não para uma classe inteira, pelo menos para frações de cada classe, os problemas que enfrentam, pela vivência de situações comuns.

Logo, sob a sociabilidade burguesa, envelhecer com dignidade se torna uma condição relegada a poucos indivíduos. Todavia, uma superestrutura de ideias construídas socialmente emerge com o fim de naturalizar essa contradição inerente à essa sociabilidade, mascarando as reais condições de vida dos sujeitos sociais. Assim, vimos como pertinente abordar algumas

considerações sobre a ideologia e o cotidiano como elementos fundamentais para a compreensão desse processo de naturalização da contradição.

2. Reflexões sobre a esfera do cotidiano e ideologia: elementos de produção e reprodução do capital.

O cotidiano em suas mediações e contraditoriedades não é um todo linear a-histórico, mas sim uma unidade complexa e histórica, que resguarda o passado da história da humanidade, os avanços e desafios, a contradição inerente ao modo de produção capitalista, e as perspectivas de superação, ou seja, “Portanto, é preciso partir da imediatividade da vida cotidiana e ao mesmo tempo ir além dela para poder apreender o ser como autêntico em-si.” (LUCKÁCS, 2010, p. 37).

Afirmamos que a cotidianidade está no centro da reprodução e construção da sociabilidade, lembremo-nos de que ela é fruto das atividades humanas em espaço e tempo determinados, ou seja, o cotidiano é construído e mediatizado pelos seres sociais em uma postura ativa e histórica, mas limitada pelas condições objetivas. Essa troca orgânica de construção da sociedade (homem - natureza) é complexa, dinâmica e contraditória, fato que torna o movimento da realidade na cotidianidade como uma reprodução única.

No entanto, o cotidiano pode se tornar instrumento de alienação² para o ser social, de aleijamento do sujeito sob a realidade e distanciamento da relação humana entre a produção e reprodução da sociedade, ou seja, pode ser instrumento de alienação do reconhecimento da atividade humana e distanciamento do gênero-humano, da alteridade entre os seres sociais, já que, na vida cotidiana condicionada sob essa sociabilidade do capital, o homem não se coloca “por” inteiro, porque já nasce sob dadas condições sociais, regras e normas morais, que buscam perpetuar a ordem social vigente, assim o sujeito social não é “[...] pura e simplesmente indivíduo, no sentido aludido, nas

² Entendemos que, “Existe alienação quando ocorre um abismo entre o desenvolvimento humano-genérico e as possibilidades de desenvolvimento dos indivíduos humanos, entre a produção humano-genérica e a participação consciente do indivíduo nessa produção.” (HELLER, 2008, p. 58).

condições de manipulação social e da alienação, ele vai se fragmentando cada vez mais ‘em seus papéis.’” (HELLER, 2008, p. 37).

Destacamos que essas questões reforçam e alimentam o *modus vivendi* da sociabilidade do capital, ademais, a vida cotidiana age sobre as premissas do ritmo fixo, da regularidade e a prática utilitarista, que se mostram “[...] no plano da cotidianidade, o critério da utilidade se confunde-se com o da verdade.” (PAULO NETTO; CARVALHO, 2012, p. 69), assim passamos a acatar na cotidianidade a imediaticidade dos acontecimentos sociais, que por sua vez, são compreendidos em sua superficialidade, havendo uma absorção imediata das informações recebidas e muitas vezes essas ideias são reproduzidas, sem que haja uma reflexão sobre elas e conforme anuncia Heller (2008, p. 57) “A assimilação espontânea das normas consuetudinárias dominantes pode converter-se por si mesma em conformismo, na medida em que aquele que as assimila é um indivíduo sem ‘núcleo’”.

Dessa maneira, o cotidiano se torna também um instrumento de veiculação e disseminação do *status quo* por meio da apreensão das ideias dominantes que se dão pela consciência, de forma processual no movimento de construção e reconstrução, ou seja, não é algo dado, transferido. Depende das condições de vida e vivências dos indivíduos sociais, cabendo salientar que todos os indivíduos possuem representações do mundo que os cercam, ou seja, de acordo com Iasi (2011, p. 14) “[...] a consciência é gerada a partir e pelas relações concretas entre os seres humanos, e desses com a natureza, e o processo pelo qual, em nível individual, são capazes de interiorizar relações formando uma representação mental delas.”

As estratégias nessa sociabilidade propõem — nas entrelinhas — o isolamento do indivíduo e sua individualização, a redução de sua compreensão a mera aparência da realidade, protegendo a propriedade privada e a disseminação da ideia de “harmonia” entre as classes sociais, isto é, esses sistemas de ideias contribuem para a perpetuação desse sistema, que é produzido e reproduzido na vida cotidiana, assim, “[...] todo o conjunto das relações sociais aparece nas ideias como se fosse coisa em si, existente por si mesma, e não como consequência das ações humanas.” (CHAUÍ, 2012, p. 72).

Como já dito a base material político e econômica geram ideias, ora, sob o julgo do embate capital e trabalho, da alienação e dos obstáculos que

muitas vezes, tentam restringir o ser humano a sua primeira consciência, segundo Chauí (2012, p. 71, grifo do autor),

A consciência, prossegue o texto da *A ideologia Alemã*, está indissolavelmente ligada às condições materiais de produção da existência, das formas de intercâmbio e de cooperação, e as ideias nascem da atividade material. Isso não significa, porém, que os homens representem nessas ideias a realidade de suas condições materiais, mas, ao contrário, representam o modo como essa realidade lhes *aparece* na experiência imediata.

E salientamos que, a própria materialidade das relações sociais cria obstáculos para a reflexão do indivíduo por meio do cotidiano, assim,

Sobre as diversas formas de propriedade e sobre as condições sociais de existência ergue-se toda uma superestrutura de sensações, ilusões, modos de pensar e visões de vida diversos e formados de um modo peculiar. A classe inteira cria-os e forma-os a partir das suas bases materiais e das relações sociais correspondentes. O indivíduo isolado, a quem afluem por tradição e educação, pode imaginar que constituem os verdadeiros princípios determinantes e o ponto de partida do seu agir. (MARX, 2008, p. 243).

Desse modo, a ideologia é um todo articulado, complexo, contraditório e dinâmico que se engendra no sistema do capital, que *a priori* “impõe” ao sujeito os modos de ser, comportar-se de acordo com sua fração de classe social, possuindo a naturalização da desigualdade como ponto fundante, ora,

[...] a ideologia e as relações sociais de produção formam um todo dialético, ou seja, não estabelecem simples relações de complementariedade, mas uma união de contrários. Por mais elaborada, sofisticada e eficiente que seja uma ideologia, ela ainda é representação mental de certo estágio das forças produtivas historicamente determinadas. (IASI, 2011, p. 26).

Essa “imposição” ideopolítica que estabelece modos de ser e estar para os sujeitos sociais amplia-se e acaba por fragmentar a vida humana em fases de desenvolvimento. O que ocorre, é que com a delimitação da infância, juventude e velhice, a sociedade “elege” padrões de comportamento, de acordo com seus interesses de classe, de modo que, há também uma composição em torno da ideologia da velhice que estabelece modos de ser, estereótipos que afirmam a ordem social vigente, sendo que, “Cada qual deve se comportar, como que espontaneamente, em conformidade com seu *level*, previamente

caracterizado por certos sinais, e escolher a categoria dos produtos de massa fabricada para seu tipo.” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p.102).

Assim, é fundamental refletir sobre as produções sociais da velhice, do ponto de vista do real concreto, do concreto pensado que, atualmente sua raiz se assenta sob o trabalho explorado, partir desse prisma do pensamento crítico é conceber a velhice como uma fase heterogênea, que tem na luta de classes a fundação de seus outros condicionantes.

O que presenciamos na contemporaneidade sobre a velhice não é um resultado do significativo aumento do número de anos na vida da população, mas sim, é fruto de embates sociais, conquistas, permanências e mobilizações políticas. Todavia, nesse processo é importante não perder de vista que há na produção e reprodução social da velhice: a disputa de projetos societários, que muitas vezes, pendem para a emancipação política e humana da sociedade, ou podem ser projetos que visam somente a inserção e pseudovalorização da velhice não mudando assim as bases materiais de constituição de nossa sociedade desigual.

Na contemporaneidade, há a emergência de uma concepção de velhice que pousa sobre o envelhecimento ativo, saudável e participativo, essa produção é gerida e disseminada no cotidiano, tendo forte incentivo/investimento dos grandes grupos das indústrias farmacêuticas, cosmética, dos planos de saúde, casas de repouso, clínicas geriátricas e também do turismo especializado para a “terceira idade”.

Dessa maneira, o processo de envelhecimento e velhice se mostram como mercadorias, pertencentes e imbuídos de uma racionalidade capitalista, como produtos da denominada indústria cultural, que se expandiu, sobretudo, no pós segunda guerra mundial – de forma a ampliar o poderio da dominação do capital, assim, se consolida como uma maneira de afirmação da exploração do trabalho e manutenção do *status quo*.

Assim ergue-se uma superestrutura de ideias que perpassam o processo de envelhecimento e velhice, homogeneizando essa fase da vida trazendo-a como “boa idade”, “jovem idade”, trazendo uma concepção ingênua de velhice, sendo uma fase em que tudo se pode desde que, você tenha “força de vontade”, criando especulações de como evitar os “males” do envelhecer seja por meio da alimentação saudável, da prática de exercícios físicos ou da

socialização. Há assim, um processo de persuasão que se poderia “[...] viver a velhice sem incômodos e essa era uma questão exclusivamente de vontade.” (DEBERT, 1999, p. 77).

Isto é, se constrói um verdadeiro receituário social de imbuído de contradições que envolvem a própria negação da velhice e a valorização da juventude, Teixeira (2008, p. 113) afirma que “[...] não se trata de valorização da pessoa idosa, mas da afirmação do valor da juventude.”

Nota-se que, na conjuntura atual, a velhice saudável e ativa é tratada, muitas vezes, não como um direito do velho trabalhador, mas enquanto uma mercadoria. Fato esse que, transforma a qualidade de vida na velhice, acessível somente àqueles que podem comprar.

O processo de envelhecimento e velhice se tornam mercadorias a serem vendidas, visto que, há um movimento de instituição de modos de ser, agir e consumir para se atingir o envelhecimento bem-sucedido. Paiva (2014, p. 143) alude que,

Além de preconizar um tributo à juventude, mas a juventude que exerce sua capacidade funcional ao sistema do capital, são criadas formas de menosprezar e desvalorizar a velhice; ou mesmo de enaltece-la recorrendo a pelos do tipo “velho jovem” negando a velhice. Ou seja, são criadas novas expressões, eufemismos, para se traduzir a velhice como sinônimo de tragédia humana.

Apontamos que, o grupo de consumidores em potencial na terceira idade é aquele que não se reconhece como velho, são vaidosos, adotam estilos saudáveis e ativos de vida, muitas vezes, ainda permanecem no mercado de trabalho e que são “aposentados afluentes”, ou seja, possuem renda máxima, que são os que interessam primeiramente ao mercado. Isto é, àqueles velhos trabalhadores que estão em situação de vulnerabilidade, violência, que possuem problemas de saúde e entre outras problemáticas, não são o principal foco do mercado, mas mesmo assim, são iludidos com a ideologia da “boa” velhice, isto é,

Os consumidores são os trabalhadores e os empregados, os lavradores e os pequenos burgueses. A produção capitalista os mantém tão bem presos em corpo e alma que eles sucumbem sem resistência ao que lhes é oferecido. Assim como os dominados sempre levaram mais a sério que os dominadores a moral que deles recebiam, hoje as massas logradas sucumbem mais facilmente ao mito do sucesso do que os bem-sucedidos. [...] Obstinadamente, insistem na ideologia que as escraviza. (ADORNO, HORHEIMER, 1985, p. 110).

Assim há um mascaramento intencional do distanciamento do que os complexos sociais propõem e elegem como o modelo sociocultural vigente sobre a velhice e as reais condições de vida que os velhos trabalhadores vivenciam. Haja vista, que isso é expressão da luta de classes e da exploração do trabalho, assim as “problemáticas” que advêm das condições de vida, e não da velhice, passam a ser tratados segundo Debert (1999, p. 229) “como um problema de quem não é ativo e não está envolvido em programas de rejuvenescimento e, por isso, atinge-se a velhice no isolamento e na doença, é culpa é exclusivamente dele.”

É um processo que vai iludindo os consumidores pela promessa, pela encenação daquilo do que seria o idealmente estabelecido e desejável pelo consumidor abrangendo todas as esferas político-econômicas, haja vista que, “Tudo está tão estreitamente justaposto que a concentração do espírito atinge um volume tal que lhe permite passar por cima da linha de demarcação entre as diferentes firmas e setores técnicos” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 101). Ou seja, a indústria cultural é uma construção ideológica com bases objetivas que perpassa o cotidiano dos sujeitos sociais objetivando a naturalização da contradição.

A indústria cultural acaba por rodear a velhice, supervalorizando a juventude e negando a velhice através de mecanismo de evitar os “males” do processo de envelhecimento por meio do consumo de novos medicamentos, de procedimentos estéticos, criando um novo e lucrativo mercado, produzindo um padrão a ser atingindo por todos os velhos a qualquer custo.

Ou seja, a “racionalidade mercantil” da sociabilidade do capital fetiche preza o consumo em excesso e o permanente descarte daquilo que já é considerado “ultrapassado”. O que nos indica que,

De fato, o que explica é o círculo da manipulação e da necessidade retroativa, no qual a unidade do sistema se torna cada vez mais coesa. O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica de hoje é a racionalidade da própria dominação (ADORNO, HORKHEIMER, 1985, p. 100).

A supervalorização do eu, é processo com raízes na sociedade baseada no consumismo, na essência buscou dar visibilidade ao indivíduo, subjugando-o e desvalorizando-o em relação ao coletivo, ou seja, [...] perpetuar o indivíduo como se ele fosse independente submetem-no ainda mais profundamente a seu adversário, o poder absoluto do capital (ADORNO, HORHEIMER, 1985, p. 99), que é o processo de aceitação da falsa liberdade e da negação da humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões abordadas nesta investigação nos permitiram o desvelar crítico sobre o processo de envelhecimento e velhice, alcançando os objetivos traçados. Quando nos propomos a analisar o processo de envelhecimento e velhice sob a perspectiva de totalidade, vimos como primor tecer algumas considerações sobre a construção filosófica da terminologia da categoria de totalidade, que possui suas raízes no desenvolvimento da dialética, que expressa e busca orientar as reflexões sobre a dinamicidade da realidade, entre a própria contraditoriedade e o questionamento.

Nessa trama iniciamos a análise do processo de envelhecimento e velhice sob a perspectiva da totalidade, buscando decifrar a essência dos discursos ideopolíticos que versam sobre a velhice, fato que nos permitiu concluir que é de extrema importância conceber o processo de envelhecimento e velhice sob a base material da vida das frações da classe trabalhadora no tempo e espaço do modo de produção, sem recair na idealização dessa fase da vida. Ademais, nos oportunizou levantar a discussão da velhice do perfil demográfico soar enquanto uma conquista política que tem sido ameaçada pelo ideário neoliberal que prioriza a visão individualista por meio da disseminação de discursos ideopolíticos.

Por isso, constamos a necessidade de abordar as questões que envolvem ideologia e sua interface com as produções sociais dos estereótipos da velhice.

As produções sociais da velhice devem ser analisadas sobre o tecido da sociabilidade do capital, levando em consideração as novas refrações desse sistema, como a emergência do estatuto de ideias e ações que visam a naturalização das violências sociais, dentre elas, o processo de feitização e reificação, que estão articulados à emergência e consolidação da indústria cultural que perfilha o fenômeno da pseudovalorização da velhice visualizando as possibilidades da velhice, transformando-a em mercadoria, atribuído valores a serem “comprados” que são tidos como próprios da juventude, ou seja, averiguamos que nas entrelinhas dessa aparente valorização, na verdade, estamos presenciando a afirmação da velhice enquanto fase de perdas e de improdutividade diante da ótica do capital.

Portanto, ao referendar uma análise crítica das produções sociais da velhice, devemos entender que o processo deve fazer alusão os predicados da construção do que a velhice se constitui na sociabilidade atual, reiterando e enunciando suas contradições e complexidades.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W; HORKHEIMER, M. **A dialética do esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

BEAUVOIR, S. **A velhice.** Tradução Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOBBIO, N. **O tempo da memória:** de senectude e outros escritos autobiográficos. Tradução Daniela Versiani. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHAUÍ, M. **O que é ideologia.** São Paulo: Brasiliense, 2012. (Primeiros passos; 13).

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice:** socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo : FAPESP, 1999.

DUMÉNIL, G.; LÖWY, M.; RENAULT E. **Ler Marx.** Tradução Mariana Echalar. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

DUPAS, G. **Ética e poder na sociedade da informação:** de como a autonomia das novas tecnologias obrigada a rever o mito do progresso. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

HADDAD, E. G. M. **A ideologia da velhice.** São Paulo: Cortez, 1986.

HELLER, A. **O cotidiano e a história.** Tradução Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

IAMAMOTO, M. V. **O serviço social na contemporaneidade:** trabalho e formação profissional. 8. ed. São Paulo, Cortez, 2005.

IASI, M. L. **Ensaio sobre a consciência e emancipação.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

KOSIK, K. **Dialética do concreto.** Tradução Célia Neves e Alderico Toríbio; Revisão Célia Neves. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LUKÁCS, G. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social:** questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível. Tradução Lya Luft e Rodnei Nascimento. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, K. **A revolução antes da revolução.** São Paulo: Expressão popular, 2008. v. 2.

PAIVA, S. O. **Envelhecimento, saúde e trabalho no tempo do capital**. São Paulo: Cortez, 2014.

PAULO NETTO, J. P.; CARVALHO, M. C. B. **Cotidiano**: conhecimento e crítica. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____.; BRAZ, M. **Economia política**: uma introdução crítica. 8. ed. São Paulo: Cortez. 2012. (Biblioteca básica de serviço social; v.1).

TEIXEIRA, S. M. A delimitação de classe no processo de envelhecimento. In: ARAÚJO, L. F.; CARVALHO, C. M. R. G.; CARVALHO, V. A. M. L. (Org.). **As diversidades do envelhecer**: uma abordagem multidisciplinar. Curitiba: CRV, 2009.

_____. **Envelhecimento e trabalho no tempo do capital**: implicações para a proteção social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.